

Quando o desejo rompe limites e se faz em amor no tempo

BERTTRAN, Déa E.
Amores invisíveis. Casais longevos da diversidade.
São Paulo: Editora de Cultura, 2018, 117p.

When desire cross limits of time

BERTTRAN, Déa E.
Invisible loves. Long-lived couples of diversity
São Paulo: Editora de Cultura, 2018, 117p.

Jamile Borges

*Professora adjunta da Faculdade de Educação, UFBA.
Antropóloga com Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos;
Mestrado em Educação, UFBA.*



*Son los afectos y las inteligencias
sin los cuales ninguna empresa intelectual,
por más modesta que fuera, tendría sentido*
(Eduardo Grüner, 2005, p.32)

Aceitei o privilégio e o desafio de tecer essa conversa com Déa E. Bertrran acerca de seu delicioso livro para tentar elaborar algumas poucas palavras. E, como leitora, me permiti ser interpelada (como tenho certeza que deve acontecer a vocês quando leem um texto que aprisiona) por problemas que em nossa atual conjuntura política e intelectual, inflamam não somente os debates acadêmicos - haja vista o patrulhamento e a cruzada contra as pesquisas no campo dos estudos de gênero - mas também nos ajuda a iluminar outros modos de existência dentro e fora dos cânones heteropatriarcais e raciais constitutivos desse país.

Aceitei, portanto, este convite para, ao mesmo tempo, celebrar essa produção intelectual da autora e alertar para as possibilidades discursivas que se abriram para mim a partir de seu texto. Certamente, para cada um de vocês se abrirão outros campos de leitura.

Este livro significou para mim uma espécie de continuidade de uma genealogia crítica que vem se construindo no Brasil para tratar dos modos de vida e sentidos de existência das populações LGBTQI em seus aspectos ético-políticos, mas também em seus sentidos afetivos e poéticos, isto é, a combinação de um desejo de unir estratégias de resistência aos velhos esquemas de opressão do patriarcado hetero-colonial, com as narrativas e histórias de vida para afetar nossas certezas sobre quem merece e quem não merece ter suas trajetórias contadas, problematizadas e performatizadas.

Intentei fazer dessa leitura um *continuum* de discursos que extrapolam as reflexões mais acadêmicas sobre as implicações do *ser/existir* como populações dissidentes sexualmente para entender nos dramas e

alegrias dos casais protagonistas desse livro outras lógicas de subjetivação e de reivindicação ao direito de amar e poder dizer o nome.

Se é verdade que as teorias *queer* têm colocado em perspectiva os signos da dissidência, também é verdade que amar e fabricar sentidos em novos arranjos familiares pode interrogar o funcionamento dessas performances da heterossexualidade compulsória como matrizes de nosso projeto civilizatório.

Blas Radi, professor de Epistemologia e Filosofia Feminista da Universidade de Buenos Aires, tem insistido que é essencial ter em mente que as decisões epistemológicas que tomamos em relação à participação das populações Trans e LGBTQI na produção de conhecimento - quem tem voz em seu texto, quem tem nome e quem e sob quais condições são incorporadas em nossas bibliografias, são o correlato das decisões ontológicas que também fazemos, isto - quem tem um corpo, ou melhor, nas palavras de Judith Butler: quais são os corpos que importam ?

Este livro excede o campo das políticas de gênero; para mim, ele se inscreve no campo das batalhas pelo direito à erotização dos corpos historicamente oprimidos e das inúmeras mulheres queimadas nas fogueiras reais e simbólicas de nosso CIS-tema.

Prenuncia conflitos afetivos em corpos cujo único consenso é a dissidência desejo/anatomia/biologia/cultura. Corpos inscritos para viver nas bordas, nas margens societárias e ainda assim, extrapolam, ousam, se arriscam no precipício desejante em busca de existências legítimas e políticas.

Entre pactos tácitos e tráfegos extra-conjugais explícitos; entre formas institucionalizadas de vida e desmantelamento da ordem sexual, este livro anuncia aqueles momentos em que a linguagem nunca parece suficiente para conter os corpos subalternizados e desejos irrefreados.

Casais dissidentes da heterossexualidade compulsória que buscam se organizar em uma sociedade baseada no binarismo. Casais que subvertem os regimes de verdade das equações homem/mulher, normal/anormal, genitália/desejo sugerindo novos espaços, linhas de fuga ao

modo deleuziano onde possam re-existir sem as amarras da convenção ou dos discursos religiosos.

Sugiro ao leitor que antes de começar propriamente a leitura do livro, flerte com as referências bibliográficas para entender os percursos feitos por Déa para construir sua narrativa e significar as histórias dessas oito pessoas.

Parafraseando Berenice Bento (2015), autora muito conhecida e comprometida com as reflexões sobre dissidências sexuais e de gênero, se há alguma dúvida que a oposição entre *produzir teoria versus fazer política* é mais uma das enganosas binaridades, este livro reafirma uma causa em disputa acenando com o afeto como mais-valia simbólica na economia do capitalismo-colonial acostumado a sequestrar vozes e apagar projetos, sociedades e pessoas que destoem do cânone eurofalocêntrico-branco e patriarcal.

Categorias caras para nós nos dias atuais, *gênero, classe social, raça e sexualidade* são tratados nesse livro com o cuidado analítico e o acerto das lutas por espaço nas academias para o trato com as histórias e memórias de casais dissidentes da norma.

Em um de seus livros mais recentes, *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*, Suely Rolnik (2018) diz que o mundo pode ser lido como a fita de Moebius, sem dentro nem fora, sem início nem fim, e habitá-lo é estar constantemente provocando cortes em suas paisagens, seguindo caminhos que podem levar tanto a uma vida encapsulada em quadros estabelecidos na cartografia social vigente (micropolítica reativa/mísera vida) quanto pode indicar um esforço constante para escapar deste encapsulamento, conseguindo compor com as sinuosidades interrogantes das estradas invisíveis e indizíveis que se apresentam ao saber- do-corpo para criar novas visibilidades e novas linguagens (micropolítica ativa/vida nobre).

Buscando aliados e cúmplices para resistir ao abuso da vida.

Para finalizar, eu tomo de empréstimo as lições do velho Lacan (2003, p.511) quando dizia que “O homem não pensa com sua alma, como imagina o Filósofo. Ele pensa porque uma estrutura, a da lin-

guagem – a palavra comporta isso –, porque uma estrutura recorta seu corpo, e isso nada tem a ver com a anatomia.”

Afinal, os limites do corpo são sempre menores que os limites do desejo.

Referências

Bento, Berenice. *Que os outros sejam o normal*. Bahia: EDUFBA, 2015.

Lacan, Jacques. Televisão. In: Lacan, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

Rolnik, Suely. *Esferas da insurreição. Notas pra uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1edições, 2018.